

NÃO HÁ  
SEGUNDA CHANCE

Título original: *No Second Chance*

Copyright © 2003 por Harlan Coben

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Beatriz Medina

*preparo de originais:* Rafaella Lemos

*revisão:* Ana Grillo e Rebeca Bolite

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Elmo Rosa

*adaptação para ebook:* Hondana

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C586n Coben, Harlan

Não há segunda chance [recurso eletrônico]/ Harlan Coben;  
tradução Beatriz Medina. São Paulo: Arqueiro, 2019.

recurso digital

Tradução de: *No second chance*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-306-0093-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Medina, Beatriz. II. Título.

19-60677

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP

## capítulo 1

**Q**UANDO A PRIMEIRA BALA atingiu o meu peito, pensei na minha filha.

Pelo menos é nisso que quero acreditar. Perdi a consciência bem depressa. E, se quiser saber os detalhes, nem sequer me lembro de ter levado um tiro. Sei que perdi muito sangue. Sei que uma segunda bala me acertou de raspão no alto da cabeça, embora a essa altura eu provavelmente já estivesse apagado. Sei que o meu coração parou. Mas ainda gosto de achar que, enquanto estava ali, morrendo, pensei em Tara.

Se você estiver se perguntando: não vi nenhum túnel nem luz forte. Ou, se vi, também não lembro.

Tara, a minha filha, tem apenas 6 meses. Estava no berço. Eu me pergunto se o tiro a assustou. Deve ter assustado. Ela provavelmente começou a chorar. Eu me pergunto se o som familiar e irritante de seu choro conseguiu atravessar o meu torpor, se em algum nível realmente a escutei. Só que, mais uma vez, não tenho qualquer lembrança disso.

Recordo, no entanto, do momento em que Tara nasceu. Eu me lembro de Monica – a mãe dela – se preparando para fazer força uma última vez. Eu me lembro da cabeça coroando. Fui o primeiro a ver a minha filha. Todos nós sabemos das encruzilhadas na estrada da vida. Todos nós sabemos das portas que se abrem enquanto outras se fecham, dos ciclos da vida, das mudanças de estação. Mas o momento em que um filho nasce é mais que surreal. É como passar por um portal estilo *Star Trek*, uma transformação total da realidade. Tudo fica diferente. A gente fica diferente, um elemento simples, atingido por um catalisador espantoso, que se metamorfoseia em outro muito mais complexo. O nosso mundo

desaparece, encolhe e assume as dimensões – pelo menos nesse caso – de uma massa de 3 quilos e 100 gramas.

A paternidade me confunde. É, eu sei que, com apenas seis meses de serviço, sou um amador. Lenny, o meu melhor amigo, tem quatro filhos. Uma menina e três meninos. Marianne, a mais velha, tem 10 anos. O caçula acabou de fazer 1. Com o rosto sempre alegremente preocupado e o chão da caminhonete sempre repleto de restos de comida de lanchonete, Lenny me lembra que ainda não sei nada. Concordo. Mas, quando fico totalmente perdido ou assustado no terreno da criação de filhos, olho o pacotinho indefeso no berço e ela me olha, e me pergunto o que eu não faria para protegê-la. Entregaria a minha vida num segundo. E, verdade seja dita, se fosse necessário, entregaria a sua também.

Portanto, gosto de pensar que, quando as duas balas perfuraram o meu corpo, enquanto eu caía no chão da cozinha com uma barrinha de granola meio comida na mão, enquanto jazia imóvel na poça crescente do meu próprio sangue, e, sim, mesmo quando o meu coração parou de bater, eu ainda estava tentando fazer alguma coisa para proteger a minha filha.

Acordei no escuro.

A princípio não tinha a menor ideia de onde estava, mas aí ouvi os bipes que vinham da minha direita. Um som conhecido. Não me mexi. Apenas escutei os bipes. Parecia que o meu cérebro estava mergulhado em melaço. O primeiro impulso foi primitivo: sede. Ansiava por beber água. Nem sabia que a garganta podia ficar tão seca. Tentei gritar, mas a minha língua estava colada a seco no fundo da boca.

Alguém entrou no quarto. Quando tentei me sentar, uma dor lancinante passou como uma faca pelo meu pescoço. A cabeça caiu de volta. E novamente mergulhei na escuridão.

Quando voltei a acordar, era dia. Faixas implacáveis de luz do sol

cortavam as venezianas. Pisquei. Parte de mim queria erguer a mão e tapar os raios, mas a exaustão não permitiu que o comando chegasse aos braços. A garganta ainda estava absurdamente seca. Escutei um movimento e, de repente, havia alguém de pé na minha frente. Ergui os olhos e vi uma enfermeira. O ponto de vista tão diferente do que eu estava acostumado me desconcertou. Parecia que estava tudo errado. Era eu quem devia estar em pé olhando para baixo, não o contrário. Uma touquinha branca – uma daquelas pequenas e rigidamente triangulares – pousava como um ninho de passarinho na cabeça dela. Passei grande parte da vida trabalhando em diversos hospitais, mas tenho certeza de que nunca vi um chapéu daqueles a não ser na TV ou no cinema. A enfermeira era negra e corpulenta.

– Dr. Seidman?

A voz era uma calda quentinha. Consegui fazer que sim bem de leve com a cabeça.

A enfermeira devia ler pensamentos, porque já trazia um copo d'água. Pôs o canudinho entre os meus lábios e suguei, ávido.

– Calma – disse ela baixinho.

Eu ia perguntar onde estava, mas parecia bem óbvio. Abri a boca para tentar descobrir o que acontecera, mas novamente ela estava um passo à minha frente.

– Vou chamar a médica – falou, seguindo para a porta. – Agora relaxe.

– Minha família... – gemi.

– Já volto. Não se preocupe.

Deixei os olhos vagarem pelo quarto. Minha visão tinha aquela névoa de cortina de banheiro por causa da medicação. Ainda assim, havia estímulos suficientes para fazer certas deduções. Eu estava num típico quarto de hospital. Isso era óbvio. Havia uma bolsa de soro com cateter à minha esquerda, o tubo serpenteando até o meu

braço. As lâmpadas fluorescentes faziam um zumbido quase, mas não totalmente, imperceptível. Uma TV pequena num suporte projetava-se do canto superior direito.

Um pouco mais além do pé da cama, havia uma janela grande. Franzi os olhos, mas não consegui ver através dela. Ainda assim, eu provavelmente estava sendo monitorado. Isso significava que estava num CTI. Isso significava que o que eu tinha era bem grave. O alto da minha cabeça comichou e senti o cabelo repuxar. Enfaixada, aposto. Tentei me olhar, mas o corpo não queria mesmo cooperar. Uma dor surda ressoava em silêncio dentro de mim, mas eu não saberia dizer de onde vinha. Meus membros pareciam pesados, o peito revestido de chumbo.

– Dr. Seidman?

Voltei os olhos para a porta. Uma mulher miudinha de avental cirúrgico com touca e tudo entrou no quarto. A parte de cima da máscara estava desamarrada e pendia no pescoço. Tenho 34 anos. Ela parecia ter a mesma idade.

– Sou a Dra. Heller – disse ela se aproximando. – Ruth Heller. – Ela me disse o primeiro nome. Cortesia profissional, sem dúvida. Ruth Heller me observou e tentei me concentrar. O cérebro ainda estava meio lento, mas dava para sentir que voltava à vida aos trancos. – O senhor está no St. Elizabeth’s Hospital – disse ela com voz adequadamente séria.

A porta atrás dela se abriu e um homem entrou. Era difícil vê-lo com clareza através da névoa de cortina de banheiro, mas não o achei familiar. O homem cruzou os braços e se encostou na parede, com informalidade estudada. Não é médico, pensei. Quem trabalha com médicos tempo suficiente sabe reconhecer.

A Dra. Heller olhou o homem de soslaio e depois me devolveu toda a sua atenção.

– O que aconteceu? – perguntei.

- O senhor foi baleado - disse ela. Depois, acrescentou: - Duas vezes.

Ela deixou a informação no ar um instante. Espiei o homem encostado na parede. Ele não havia se mexido. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas Ruth Heller continuou:

- Uma das balas passou de raspão pelo alto da cabeça. A bala arrancou o couro cabeludo, que, como o senhor provavelmente sabe, é muito vascularizado.

É, eu sabia. Ferimentos graves no couro cabeludo sangram como decapitações. Tudo bem, pensei, isso explicava a coceira. Quando Ruth Heller hesitou, perguntei:

- E a segunda bala?

Heller suspirou.

- Essa foi um pouco mais complicada.

Esperei.

- A bala penetrou na caixa torácica e perfurou o pericárdio. Isso provocou uma hemorragia importante no espaço entre o coração e o saco pericárdico. Os paramédicos tiveram dificuldade para identificar os seus sinais vitais. Tivemos de abrir o tórax e...

- Doutora? - interrompeu o homem encostado, e, por um momento, achei que fosse falar comigo. Ruth Heller parou, claramente irritada. O homem se descolou da parede e continuou se dirigindo a ela. - Pode dar os detalhes depois? O tempo é essencial aqui.

Ela fez cara feia, mas não resistiu.

- Ficarei aqui para observar - disse ela ao homem -, se não tiver problema.

A Dra. Heller recuou e o homem assomou sobre mim. A cabeça era grande demais para os ombros e dava a impressão de que o pescoço ia ceder com o peso dela. O cabelo era curtíssimo na cabeça toda, menos na frente, onde pendia num topete que caía

sobre os olhos. Uma mancha feia de pelos pousava no queixo como um inseto que quisesse se enterrar ali. No geral, parecia o integrante de uma banda pop que envelheceu mal. Ele sorriu para mim, mas não havia cordialidade no sorriso.

– Sou o detetive Bob Regan, do Departamento de Polícia de Kasselton – disse. – Sei que neste momento o senhor está confuso.

– A minha família... – comecei.

– Chegarei lá – interrompeu. – Agora preciso lhe fazer algumas perguntas, tudo bem? Antes de entrarmos nos detalhes do que aconteceu.

Ele aguardava uma resposta. Forcei a voz ao máximo e disse:

– Tudo bem.

– Qual a última coisa de que se lembra?

Examinei os registros da minha memória. Lembrei-me de acordar naquele dia, de me vestir. Lembrei-me de dar uma olhada em Tara. Lembrei-me de girar o botão do seu móbile preto e branco, presente de um colega que insistiu que ajudaria a estimular o cérebro do bebê ou coisa assim. O móbile não se mexeu nem tocou a musiquinha. As pilhas tinham acabado. Anotei mentalmente que devia trocá-las. Depois disso, desci.

– Comer uma barra de granola – respondi.

Regan fez que sim, como se esperasse exatamente essa resposta.

– Estava na cozinha?

– Estava, perto da pia.

– E depois?

Fiz força, mas não veio nada. Balancei a cabeça.

– Acordei uma vez. À noite. Estava aqui, acho.

– Mais nada?

Examinei tudo de novo, mas não adiantou.

– Não, nada.

Regan puxou um bloquinho.



- Como a doutora aqui lhe disse, você levou dois tiros. Não tem nenhuma recordação de ver uma arma ou de ouvir um tiro ou coisa assim?

- Não.

- Acho compreensível. Você ficou muito mal, Marc. Os paramédicos acharam que estivesse morto.

Senti a garganta seca de novo.

- Onde estão Tara e Monica?

- Preste atenção aqui, Marc. - Regan fitava o bloco, não a mim. Senti o pavor apertar o meu peito. - Escutou alguma janela quebrando?

Eu estava grogue. Tentei ler o rótulo da bolsa de soro para ver com que estavam me dopando. Não consegui. Analgésico, no mínimo. Provavelmente morfina. Tentei combater o efeito.

- Não - respondi.

- Tem certeza? Encontramos uma janela quebrada perto dos fundos da casa. Deve ter sido assim que o criminoso conseguiu entrar.

- Não me lembro de nenhuma janela quebrando - falei. - Você sabe quem...

Regan me interrompeu:

- Não, ainda não. Por isso estou aqui lhe fazendo essas perguntas. Para descobrir quem fez isso. - Ele ergueu os olhos do bloco. - Tem algum inimigo?

Ele realmente tinha me perguntado isso? Tentei me sentar, tentei encontrar algum novo ângulo dele, mas não havia como. Não gostei de ser o paciente, de estar no lado errado da cama. Dizem que os médicos são os piores pacientes. Provavelmente é por causa dessa súbita inversão de papéis.

- Quero saber da minha mulher e da minha filha.

- Entendo - disse Regan, e algo no tom da voz dele fez um calafrio

passar pelo meu coração. – Mas você não pode se dar ao luxo dessa distração, Marc. Não agora. Quer ajudar, não quer? Então precisa prestar atenção em mim. – Ele voltou ao bloquinho. – Agora, e os inimigos?

Continuar discutindo com ele parecia inútil e mesmo inconveniente, então aquiesci de má vontade.

– Algum que pudesse atirar em mim?

– É.

– Não, ninguém.

– E a sua mulher?

Os olhos dele pousaram duros sobre mim. Minha imagem favorita de Monica – o seu rosto iluminado quando vimos as cachoeiras de Raymondskill Falls pela primeira vez, o jeito como me abraçara com medo fingido enquanto a água despencava à nossa volta – surgiu como uma aparição.

– Tinha inimigos?

Encarei-o.

– Monica?

Ruth Heller avançou.

– Acho que basta por ora.

– O que aconteceu com Monica? – perguntei.

A Dra. Heller se juntou ao detetive Regan, ombro a ombro. Ambos me olhavam. A doutora começou a protestar de novo, mas a interrompi.

– Não me venha com essa bobagem de proteger o paciente – tentei berrar, medo e fúria lutando contra o que deixava o meu cérebro naquela confusão. – Digam o que aconteceu com a minha mulher.

– Ela está morta – disse o detetive Regan.

Simples assim. Morta. A minha mulher. Monica. Foi como se eu não o escutasse. As palavras não podiam me alcançar.

– Quando a polícia invadiu a sua casa, vocês dois tinham sido

baleados. Conseguiram salvar você. Mas era tarde demais para a sua esposa. Sinto muito.

Houve outro flash rápido – Monica em Martha’s Vineyard, na praia, maiô marrom, aquele cabelo preto batendo no rosto, me lançando o seu sorriso afiado como navalha. Pisquei para que sumisse.

– E Tara?

– A sua filha – começou Regan com um rápido pigarro. Olhou o bloquinho de novo, mas acho que não planejava escrever nada. – Ela estava em casa naquela manhã, correto? Quer dizer, na hora do incidente?

– Estava, claro. Cadê ela?

Regan fechou o bloquinho ruidosamente.

– Ela não estava no local quando chegamos.

Meu coração parou.

– Como assim?

– Primeiro achamos que talvez estivesse sob os cuidados de um amigo ou parente. Uma babá, talvez, mas... – A voz dele sumiu.

– Está me dizendo que não sabe onde Tara está?

Dessa vez não houve hesitação.

– Isso.

Foi como se uma mão gigante apertasse o meu peito. Fechei os olhos com força.

– Há quanto tempo? – perguntei.

– Que ela está desaparecida?

– É.

A Dra. Heller começou a falar depressa demais.

– O senhor precisa entender. Estava com ferimentos gravíssimos. Não tínhamos esperança de que sobrevivesse. Estava ligado a um respirador mecânico. Sofreu um pneumotórax. Septicemia também. O senhor é médico, por isso não preciso explicar a

gravidade. Tentamos reduzir a medicação, ajudá-lo a acordar...

– Há quanto tempo? – perguntei de novo.

Ela e Regan trocaram outro olhar e depois a Dra. Heller disse algo que novamente arrancou o ar de dentro de mim:

– O senhor está desacordado há doze dias.

## capítulo 2

– **E**STAMOS FAZENDO TODO O POSSÍVEL – disse Regan com uma voz que soou ensaiada demais, como se ele tivesse ficado à minha cabeceira preparando o discurso enquanto eu estava inconsciente. – Como já lhe disse, no começo não tínhamos certeza de que havia uma criança desaparecida. Perdemos um tempo valioso, mas nos recuperamos. A foto de Tara foi enviada a todas as delegacias, aeroportos, cabines de pedágio, estações rodoviárias e ferroviárias, todos os lugares desse tipo num raio de 150 quilômetros. Examinamos perfis e históricos de casos de sequestro semelhantes para ver se encontrávamos um padrão ou algum suspeito.

– Doze dias – repeti.

– Grampeamos todos os seus telefones: o de casa, o comercial, o celular...

– Por quê?

– Caso alguém ligue pedindo resgate – disse ele.

– Houve alguma ligação?

– Não, ainda não.

A minha cabeça caiu de volta no travesseiro. Doze dias. Eu estou deitado nessa cama há doze dias enquanto a minha bebezinha está... Afastei a ideia.

Regan coçou a barba.

– Lembra-se da roupa que Tara usava naquela manhã?

Eu me lembrava. Desenvolvera uma rotina pela manhã – acordar cedo, ir na ponta dos pés até o berço de Tara, olhar para ela. Bebês não são só alegria. Sei disso. Sei que há momentos de tédio absoluto. Sei que há noites em que os gritos dela atacam as minhas terminações nervosas como um ralador de queijo. Não quero romantizar a vida com um bebê. Mas eu gostava da nova rotina das

manhãs. De certo modo, olhar a forma minúscula de Tara me fortalecia. Mais do que isso, acho que era uma forma de arrebatamento. Algumas pessoas encontram arrebatamento em locais de culto. Eu – é, sei como isso parece piegas – encontrava arrebatamento naquele berço.

– Um macacão rosa com pinguins pretos – respondi. – Monica comprou na Baby Gap.

Ele rabiscou.

– E Monica?

– E Monica o quê?

O olhar dele voltou ao bloco.

– Que roupa usava?

– Calça jeans – respondi, recordando o jeito como ela tinha deslizado sobre seus quadris – e uma blusa vermelha.

Regan rabiscou mais um pouco.

– Já existe... quer dizer, vocês já têm alguma pista? – indaguei.

– Estamos investigando todas as possibilidades.

– Não foi isso que eu perguntei.

Regan só me olhou. Havia muita coisa naquele olhar.

A minha filha. Por aí. Sozinha. Durante doze dias. Pensei nos olhos dela, a luz calorosa que só os pais veem, e disse uma coisa estúpida:

– Ela está viva. – Regan inclinou a cabeça como um cachorrinho que escuta um som novo. – Não desista.

– Não vamos desistir.

Ele continuava com a cara esquisita.

– É só que... O senhor é pai, detetive Regan?

– Tenho duas filhas – foi a resposta.

– É ridículo, mas eu saberia. – Do mesmo jeito que soube que o mundo nunca mais seria o mesmo quando Tara nasceu. – Eu saberia – repeti.

Ele não respondeu. Percebi que o que eu dizia – vindo de um

homem que zomba do sobrenatural ou de noções de percepção extrassensorial – era mesmo ridículo. Sabia que esse “sexto sentido” vinha apenas do desejo. A gente quer tanto acreditar que o cérebro rearranja o que vê. Mas me agarrei à intuição assim mesmo. Certo ou errado, parecia uma tábua de salvação.

– Precisamos de mais informações suas – disse Regan. – Sobre você, a sua esposa, amigos, finanças...

– Depois. – Era a Dra. Heller de novo. Ela avançou como se quisesse me proteger do olhar dele. A voz era firme. – Ele precisa descansar.

– Agora não – respondi, o meu firmezômetro um nível mais alto que o dela. – Precisamos encontrar a minha filha.

Monica fora sepultada no jazigo da família Portman, na propriedade do pai. Claro que não fui ao velório. Não sei o que sentia quanto a isso, mas, como sempre, os meus sentimentos por minha esposa, naqueles duros momentos em que sou franco comigo mesmo, sempre foram confusos. Monica tinha aquela beleza de gente rica, as maçãs do rosto delicadas demais, o cabelo preto liso e sedoso e aquele sotaque travado da elite nova-iorquina que irritava e excitava ao mesmo tempo. O nosso casamento foi à moda antiga: na mira da espingarda. Tudo bem, isso é um exagero. Monica estava grávida. Eu estava em cima do muro. O nascimento iminente me empurrou para o lado matrimonial.

Soube dos detalhes do velório por Carson Portman, tio de Monica e único membro da família dela que mantinha contato conosco. Ela gostava muito dele. Carson ficou à cabeceira do meu leito de hospital com as mãos cruzadas no colo. Ele parecia muito o seu professor favorito da faculdade: óculos de lentes grossas, paletó de tweed quase puído e um tufo de cabelo muito grande num cruzamento de Albert Einstein com Don King. Mas os olhos castanhos cintilaram quando me contou, com a voz triste de barítono, que Edgar, o pai de Monica, cuidara para que o velório

fosse um “evento pequeno e de bom gosto”.

Disso eu não duvidava. Pelo menos quanto ao pequeno.

Nos dias seguintes recebi o meu quinhão de visitas no hospital. A minha mãe – todo mundo a chamava de Querida – aparecia no meu quarto todas as manhãs com a corda toda. Usava tênis Reebok branquíssimo. O moletom era azul com debruns dourados. O cabelo, embora bem penteado, tinha o jeito quebradiço do excesso de tintura, e em torno dela sentia-se o leve aroma do último cigarro. A maquiagem não conseguia disfarçar a angústia de ter perdido a única neta. Ela possuía uma energia espantosa, dia após dia à cabeceira do meu leito, transmitindo uma torrente contínua de histeria. Isso era bom. Era como se, em parte, ela ficasse histérica por mim, e, portanto, de um jeito estranho, as suas erupções me mantivessem calmo.

Apesar do calor absurdo que fazia no quarto – e dos meus protestos constantes –, mamãe punha mais um cobertor sobre mim quando eu dormia. Acordei certa vez – o corpo encharcado de suor, naturalmente – e ouvi a minha mãe contar à enfermeira sobre a última vez que estive no St. Elizabeth’s quando eu tinha apenas 7 anos.

– Ele teve salmonela – afirmava Querida num sussurro conspiratório que era apenas um pouquinho mais alto que um megafone. – Nunca vi uma diarreia feder tanto. E não passava. O fedor praticamente grudou no papel de parede.

– Agora ele também não está com nenhum odor de rosas – respondeu a enfermeira.

As duas riram juntas.

No segundo dia da minha recuperação, mamãe estava em pé ao lado da cama quando acordei.

– Lembra disso aqui? – perguntou.

Ela segurava um boneco de pelúcia do Gugu, da Vila Sésamo, que



alguém me dera naquela internação por salmonela. O verde desbotara para um tom claro de piscina. Ela olhou a enfermeira.

– Esse é o Gugu do Marc – explicou.

– Mamãe – repreendi.

Ela voltou a atenção para mim. Naquele dia havia um certo excesso de delineador que se alojava nas rugas.

– Gugu lhe fez companhia naquela época, lembra? Ajudou você a melhorar.

Revirei e depois fechei os olhos. Uma lembrança me veio. Eu pegara a salmonela de ovos crus. O meu pai costumava colocá-los na vitamina para aumentar o teor de proteína. Lembro do terror absoluto que tomou conta de mim quando soube que teria que passar a noite no hospital. O meu pai, que tinha rompido o tendão de aquiles jogando tênis, estava de gesso, com uma dor constante. Mas viu o meu medo e, como sempre, se sacrificou. Trabalhara o dia inteiro na fábrica e passou a noite toda numa cadeira ao lado do meu leito no hospital. Fiquei dez dias no St. Elizabeth's. O meu pai dormiu naquela cadeira todas as noites.

De repente mamãe se virou e pude ver que estava se lembrando da mesma coisa. A enfermeira rapidamente pediu licença e saiu. Pus a mão nas costas da minha mãe. Ela não se mexeu, mas senti que estremeceu. Ela fitou o Gugu desbotado nas mãos. Tirei-o dela devagar.

– Obrigado.

Mamãe enxugou os olhos. Papai não viria ao hospital dessa vez, e, embora tivesse certeza de que mamãe lhe contara o acontecido, não havia como saber se ele chegara a entender. O meu pai tivera o primeiro AVC aos 41 anos – um ano depois de passar aquelas noites comigo no hospital. Eu tinha 8 anos na época.

Também tenho uma irmã mais nova, Stacy, que é uma “dependente de substâncias psicoativas” (para os mais

politicamente corretos) ou “viciada” (para os mais precisos). Às vezes olho fotos antigas, de antes do derrame de papai, aquelas com a jovem e confiante família de quatro pessoas, um cachorro peludo, o gramado bem aparado, o aro de basquete e a churrasqueira cheia de carvão e saturada de fluido de isqueiro. Procuro pistas do futuro no sorriso da minha irmã sem os dentes da frente, o seu eu sombrio, talvez, um mau agouro. Mas não vejo nada. A casa ainda existe, mas é como o cenário desconjuntado de um filme. Papai ainda está vivo, mas quando ele caiu levou tudo com ele. Principalmente Stacy.

Ela não me visitou nem telefonou, mas nada que faça ou deixe de fazer me surpreende mais.

A minha mãe finalmente se virou para mim. Segurei o Gugu desbotado com um pouco mais de força quando uma nova ideia me veio: éramos só nós dois de novo. Papai era praticamente um vegetal. Stacy estava oca, ausente. Estendi a mão e peguei a de mamãe, sentindo o calor e o modo como a recente tragédia a havia endurecido um pouco mais. Ficamos assim até a porta se abrir. A enfermeira se inclinou para dentro do quarto.

Mamãe se endireitou e disse:

– Marc também brincava de boneca.

– Bonecos – disse eu, rápido na correção. – Eram bonecos, não bonecas.

Lenny, o meu melhor amigo, também passava no hospital todo dia acompanhado da mulher, Cheryl. Lenny Marcus é um importante advogado criminal, embora também cuide das minhas pequenas causas, como nas vezes em que recorri de uma multa por excesso de velocidade e fechamos o negócio da nossa casa. Quando ele se formou e começou a trabalhar na promotoria do condado, amigos e adversários logo o apelidaram de Lenny “Bulldog” por causa do comportamento agressivo no tribunal. Em algum momento,

decidiram que o apelido era suave demais e agora o chamavam de “Cujo”. Conheço Lenny desde o ensino fundamental. Sou padrinho do seu filho Kevin. E Lenny é padrinho de Tara.

Não tenho dormido muito. Fico deitado à noite olhando para o teto, conto os bipes, escuto os sons noturnos do hospital e faço um grande esforço para não deixar a mente vagar até a minha filhinha e a série interminável de possibilidades. Nem sempre consigo. Aprendi que a mente é mesmo um poço escuro infestado de serpentes.

O detetive Regan me visitou depois com uma possível pista.

– Fale da sua irmã – começou.

– Por quê? – perguntei meio depressa demais. Antes que ele pudesse dar detalhes, ergui a mão para detê-lo. Entendi. A minha irmã é viciada. Onde há drogas, há também certo elemento criminoso. – Fomos roubados? – perguntei.

– Achamos que não. Parece que nada sumiu, mas o lugar foi revirado.

– Revirado?

– Alguém bagunçou tudo. Tem ideia de por que fariam isso?

– Não.

– Então me fale da sua irmã.

– Vocês têm a ficha de Stacy? – perguntei.

– Temos.

– Não sei o que acrescentar.

– Vocês não são muitos próximos, correto?

Não muito próximos. Isso se aplicava a mim e Stacy?

– Eu a amo – respondi devagar.

– E quando foi a última vez que a viu?

– Seis meses atrás.

– Quando Tara nasceu?

– É.

- Onde?
  - Onde a vi?
  - É.
  - Stacy foi ao hospital – respondi.
  - Para conhecer a sobrinha?
  - É.
  - O que aconteceu durante a visita?
  - Stacy estava doidona. Queria pegar o bebê no colo.
  - Você não deixou.
  - Isso mesmo.
  - Ela se zangou?
  - Mal reagiu. A minha irmã fica meio desligada quando está doidona.
  - Mas você a expulsou?
  - Disse que ela só poderia participar da vida de Tara quando largasse as drogas.
  - Entendo. Esperava que isso a forçasse a voltar à reabilitação?
- Eu devo ter soltado uma risadinha.
- Não, não mesmo.
  - Desculpe. Não entendi.
- Tentei achar um jeito de explicar. Pensei no sorriso da foto de família em que ela estava sem os dentes da frente.
- Já ameaçamos Stacy com coisa pior – falei. – A verdade é que a minha irmã não vai largar. As drogas são parte dela.
  - Então você não tem esperanças de recuperação?
- Não havia como eu dizer isso.
- Não confio nela perto da minha filha – concluí. – Deixemos as coisas assim.
- Regan foi até a janela e olhou para fora.
- Quando se mudou para a sua atual residência?
  - Monica e eu compramos a casa quatro meses atrás.

– Não é longe de onde vocês dois foram criados, certo?

– Isso mesmo.

– Vocês se conheciam havia muito tempo?

Não entendi a linha do interrogatório.

– Não.

– Mesmo tendo sido criados na mesma cidade?

– Frequentávamos círculos diferentes.

– Entendo – disse o policial. – Então, se compreendi bem, vocês compraram a casa quatro meses atrás e você não vê a sua irmã há seis meses, correto?

– Correto.

– Então a sua irmã nunca visitou a sua casa atual?

– Isso mesmo.

Regan se virou para mim.

– Encontramos impressões digitais de Stacy na casa. – Eu não disse nada. – Você não parece surpreso, Marc.

– Stacy é viciada. Acho que não seria capaz de atirar em mim e sequestrar a minha filha, mas já a subestimei antes. Vocês foram ao apartamento dela?

– Ninguém a vê desde que atiraram em você.

Fechei os olhos.

– Não achamos que a sua irmã fosse capaz de armar algo assim sozinha – continuou ele. – Pode ter havido um cúmplice: um namorado, um traficante, alguém que soubesse que a sua mulher era de família rica. Tem alguma ideia?

– Não – respondi. – Mas espere. Vocês acham que essa coisa toda foi um plano de sequestro?

Regan começara a coçar a mosca outra vez. Depois deu de ombros.

– Mas tentaram matar nós dois – continuei. – Como pedir resgate a pais mortos?

– Podiam estar tão doidões que cometeram um erro – disse ele. –

Ou talvez achassem que poderiam extorquir dinheiro do avô de Tara.

– Então por que ainda não tentaram?

Regan não respondeu. Mas eu sabia a resposta. A confusão, principalmente depois dos tiros, seria demais para viciados. Viciados não lidam bem com conflitos. Essa é uma das razões para começarem a fumar ou se picar: para fugir, para sumir, para evitar as coisas, mergulhar no nada. Os meios de comunicação dariam atenção máxima ao caso. A polícia faria perguntas. Viciados ficariam apavorados com esse tipo de pressão. Fugiriam, abandonariam tudo.

E se livrariam de todas as provas.

Mas o pedido de resgate veio dois dias depois.

Agora que eu retomara a consciência, a minha recuperação dos ferimentos avançava com facilidade surpreendente. Podia ser porque eu estava concentrado em melhorar ou porque ficar em estado quase catatônico durante doze dias tivesse dado às lesões tempo de sarar. Ou talvez eu estivesse sofrendo de uma dor que nenhum dano físico poderia causar. Pensava em Tara e o medo do desconhecido me tirava o fôlego. Pensava em Monica, nela morta, e garras de aço me rasgavam por dentro.

Queria ir embora.

O corpo ainda doía, mas pressionei Ruth Heller a me dar alta. Ao observar que confirmava a regra de os médicos serem os piores pacientes, ela, relutante, me permitiu voltar para casa. Combinamos que um fisioterapeuta me visitaria todos os dias. Uma enfermeira apareceria periodicamente só por garantia.

Na manhã da minha partida do St. Elizabeth's, mamãe foi para a casa – a antiga cena do crime –, a fim de “prepará-la” para mim, fosse lá o que isso significasse. Estranhamente, não senti medo de voltar. Casas são apenas tijolos e cimento. Não achei que ver o